



A VOLTA DOS MORTOS-VIVOS: TRECOS, TROÇOS E COISAS NA HISTÓRIA DA ARTE

MARIZE MALTA¹

¹ Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro
marizemalta@eba.ufrj.br

RESUMO EXPANDIDO

Entre a tangibilidade das coisas de utilidade e a intangibilidade de suas poéticas, suas materialidades e imagens, a renovação do olhar para os objetos vem merecendo discussão em diversos campos do saber. Tendo dedicado alguns anos de pesquisa voltados à história dos objetos, historiograficamente vinculada às artes decorativas, mesmo que estatutos como arte menor e maior tenham sido ultrapassados, é patente a pouca atenção dispensada a eles entre os historiadores e historiadoras da arte no Brasil, acometidos e acometidas por preconceitos hereditários. Muitos dos “trecos, troços e coisas” foram cooptados por historiadores de design, arqueólogos ou antropólogos, com a eleição de certos objetos em detrimento de outros e levando a leituras particulares e formas de compreensão determinados (ou mesmo deterministas).

A intenção decorativa de um objeto, que levou à categorização como arte decorativa, foi o princípio de aproximação com a disciplina da história da arte, cujo sentido problemático e datado dirigiu uma abordagem estética a coisas excepcionais, com foco na expertise e nos estudos estilísticos. Ao mesmo tempo, os chamados objetos de arte tomaram a existência como mortos-vivos, na medida em que foram acometidos por um “encantamento” ou “maldição” que os mantém vivos, materialmente visíveis e até com consciência, mas mortos pela condição de serem considerados inanimados, sem vida funcional, pela maioria dos estudos da história da arte.

Para provocar o debate, escolhi alguns trecos para discutir a condição dos objetos na historiografia da arte. Início com as obras de Maria Rubinke, que trata os bibelôs em figuras macabras, cujas pequenas peças se referenciam às tradicionais esculturinhas angelicais ou infantis em porcelana, como as executadas pela manufatura espanhola Lladró. A opção pelo macabro da artista, na medida que trabalha com o esfacelamento das partes da figura infantil com o sangue representado, parece conferir uma situação de vivo-morto ao objeto. Essa condição de dar ânima à coisa, ao mesmo tempo que representa sua condição moribunda, sintetiza a interrogação sobre os limites e preconceitos sobre o decorativo na arte, e traz à tona o estado zumbi.

Os mortos-vivos podem ser encarados como deturpações de práticas voduns no Haiti, transformados em personagens de filmes de terror norte-americanos. No caso do vodu haitiano, o uso de bonecos encarna uma pessoa real que atua ou



sofre conforme o desejo do feiticeiro. As coisas para esses fins tomam forma em diversos materiais que assumem a objetificação do humano, ao mesmo tempo que importam enquanto simbologia matériaca. Ao treco é conferido um poder de interferir na realidade e na vida de um ser, permitindo ao objeto uma agência.

No Brasil, há grande incidência de velas em formas humanas usadas em diversos rituais. Produzidas atualmente em parafina, parecem-se com bonecos cujas feições não o personalizam, em geral. Para além de uso em gratidão a dádivas, funcionam para encarnar pessoas às quais se pretende encantar. Sua competência, por outro lado, só se realiza quando acesas e derretidas e, portanto, exterminadas. Fogo e cheiro intenso estão envolvidos no processo.

O uso de bonecos industriais na arte também merece ser considerada porque se insere no mesmo procedimento de matar-reviver a coisa. É o caso de algumas obras de Sandro Ka, o qual se apropria de coisas comerciais, brinquedos-bonecos correlacionados em combinações de estranhamento. Bonecos de borracha se desmontam e se reapresentam em condições que promovem pensar tanto no afeto da criança pelo brinquedo, quanto na própria morte deste, na medida em que não mais se mostra na ingênua percepção original. Contudo, permanece a memória do brincar, do pegar no boneco, no cheiro forte da borracha nova, na sua maciez benevolente. A memória ativada pelo olhar de estranheza só é ocasionada pela condição morta-viva.

Em todos os casos, os troços continuam na sua condição de coisas inanimadas, mas, por vontades humanas, assumem poderes e são intermediários de ações, sempre na condição de afetarem os Outros. As interações são imprescindíveis, algumas exclusivamente pelo olhar, como os bibelôs ou suas referências. Mas a magia só é eficiente com interação e, para que possamos ser enfeitados pelos objetos na história da arte, talvez precisemos invocar a volta desses mortos-vivos para perceber outras potências.

A reboque da renovação da História da Arte, faz-se necessário rever também uma história da arte dos objetos sem hierarquizações ou classificações prévias que permita dotar as coisas de ânima. Um caminho pode ser o que a historiadora da arte britânica, Vicky Coltman, chamou de um *ménage à trois*, uma articulação entre história da arte, cultura visual e cultura material, sem evangelizar postulados ou sem as defensivas e implicâncias territoriais. Nesse sentido, a ideia é buscar uma revisão da relação entre mente e matéria, entre carne/corpo e espírito, um repensamento de uma cultura im-material.

PALAVRAS-CHAVE:

Mortos-vivos. Historiografia. Objetos na História da Arte. Teoria das coisas.

PERGUNTAS-CHAVE:

1. Como se desfazer dos equívocos dos sentidos atribuídos ao que se entende por decorativo e ainda assumir outras potências estéticas para além dele?



2. Como conciliar aportes teóricos e práticas metodológicas de campos da cultura material e visual com as bases da história da arte, de modo a construir uma outra narrativa capaz de refletir sobre poéticas de coisas de uso, trechos cotidianos, trechos populares, objetos malditos?
3. De que modo ultrapassar a preponderância da visão sobre objetos que têm a interação como conformação de existência percebendo neles formas de experimentação?

IMAGENS:

MARIA RUBINKE: *Under My Surface*, 2011-12.
Porcelana com decoração em vermelho e dourado, 26 X 36 X 29 cm.
MutualArt.
Fonte: <https://www.mutualart.com/Artwork>



LLADRÓ: *A Fantasy Breath Angel*, s/d.
Porcelana, 25 X 26 X 15cm.
Fonte: https://www.lladro.com/en_eu/a-fantasy-breath-angel-figurine-en-eu-01009223.html



SEM AUTOR: *Vela Boneco*, 2020.

Parafina maciça, 16 X 6 X 2cm

FONTE: <https://www.santeirocasasaofrancisco.com.br/vela-magia-boneca-e-boneco>



SANDRO KA: *A Idade do Homem*, 2017.

Borracha, 17 X 14 x 9cm.

Foto: Filipe Conde.

Fonte: <https://www.facebook.com/SandroKaArte/photos/>